

Vida

ANO I—N.º 10—24 DE JULHO DE 1941—PREÇO: 1 ESCUDO

MUNDIAL

Ilustrada

24 JUL 1941

SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



O MENINO E OS SEUS AMIGOS: O SOL, O AR E O MAR (Fotografia do grande artista J. Kirchner, especial para «Vida Mundial Ilustrada»)

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
 PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
 FERREIRA DE CASTRO
 PROF. DR. HERNANI CIDADE
 GENERAL FERREIRA MARTINS
 MANUEL L. RODRIGUES
 S. S. SCHMULEVITZ

ASSIS ESPERANÇA
 DR. SOUSA COSTA
 ROBERTO NOBRE
 DR. CASTRO FERNANDES
 DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
 DR. CAMPOS PEREIRA
 MANUELA DE AZEVEDO

DR. ANSELMO VIEIRA
 JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
 JOSÉ LOUREIRO BOTAS
 GRACIETTE BRANCO
 BRAMÃO DE ALMEIDA
 MARIA ARCHER
 Etc.

N

UMA tarde de Agosto do ano passado um barco estranho entrava no Tejo. Uma vela quadrangular sustentada por canas de bambu, fazia lembrar um batel chinês. Dois flutuadores laterais pareciam as patas de um animal pré-histórico, que fôse vermelho como o sangue e amarelo como a luz do sol e não cinzento como a terra informe do Génesis com que tinha sido moldado.

A frente, na proa, uma cabeça de lagarto erguia a sua boca fendida para o azul do céu. E, em baixo, um nome raro e misterioso: «Kaimiloo-Waika». Tão misterioso como os tripulantes deste barco estranho — um homem e uma mulher. Ele — tisonado de sol, cabeça prateada, expressão enérgica. Ela — morena, pele assetinada, de um tom mate, quente, que sugeria o ambiente dos trópicos, palmeiras e luar. Marido e mulher, o comandante Eric de Bisschop e a Princesa Papaleiaiana chegavam a Lisboa, vindos de França.

Entre nós, ficaram alguns meses. E um dia, o «Kaimiloo-Waika» partiu para a sua rota oceânica: rumo ao Panamá, travessia do Estreito e, depois, no Pacífico imenso, caminho a Honolulu, onde a Princesa nasceu e donde veio este nome que se ostenta orgulhoso na pequena nave.

«Kaimiloo» significa «Para lá dos horizontes longínquos — e corre mundo na capa de um livro de renome universal, em que o famoso navegador conta as suas estranhas aventuras através dos oceanos sem fim — desde o seu «Fou-Po» junco chinês de três mastros, repleto de embutidos de madeira vermelha e airo de Ning Po e de budos de jade nas costas da ilha Formosa e pilhado pelos piratas; passando pelo «Fou-Po II», construído em Wang Yen, a 100 milhas de Ning Po, na ribeira de Hai Men, e que os fados haviam de fazer naufragar nas costas da Papuásia, numa ilha de canibais, onde Bisschop foi tratado como um Deus e onde participou num festim em que se comeu o filho do Rei, o jovem Quiorat, que, imprudentemente, se deixara ferir de morte por um jacaré, e donde partiu para naufragar, de vez, em Malokai, a leprosaria de Hawai — até ao «Kaimiloo» esse barco cuja quilha foi lançada nos areais perto de Honolulu e cujo nome recorda o velho barco inglês que o Rei hawaiano Kalakaua comprou para realizar o seu sonho de ambição e de poderio, conquistando, com a força dos seus penitenciários, Samoa, Tahiti, e Tutuila, empresa falhada, e que foi a única acção de guerra do reino independente do Hawai.

O «Kaimiloo-Waika» partiu do Tejo levando o seu carregamento completo de arroz e de conservas e um par enamorado e feliz.

Havia luar ao longo das nossas costas, mas, ao largo das Canárias, numa noite escura de breu, um pesqueiro espanhol, navegando velozmente e sem luzes, feriu-o de morte. E a piroga polinesiana, com a sua vela de canas de bambu, os seus flutuadores que semelham as patas de um animal estranho, e as suas riquezas, perdeu-se para sempre.

Salvaram-se as vidas. E Bisschop e a Princesa Papaleiaiana instauraram um processo de perdas e danos à firma proprietária do barco causador do desastre. E aí estariam ainda se o Marechal Pétain não chamasse a França o seu afilhado querido.

E o comandante Eric de Bisschop, com um fato de empréstimo, partiu para Vichy.

E foi lá que lhe confiaram uma missão — a de agente consular da França nas ilhas Hawai — terra onde mandaram os ascendentes de sua mulher, a princesa feliz.

E agora, de novo em Lisboa, acabam de tomar o vapor de carga que os leva à América do Norte, donde partirão para Honolulu.

JOSÉ AUGUSTO

O navegador e as estranhas aventuras



O COMANDANTE ERIC DE BISSCHOP E A PRINCESA PAPALEIAIANA, a bordo do «Kaimiloo-Waika», quando da sua passagem por Lisboa. (Foto do grande artista francês Roger Kahan)



Uma companhia
expedicionária
recebe a
BANDEIRA ❖
❖ **NACIONAL**

UMA COMPANHIA EXPEDICIONÁRIA DE METRALHADORAS 1, que há dias partiu para as ilhas, recebeu, numa cerimónia de alto significado, uma bandeira Nacional, como preito de homenagem às suas virtudes patrióticas — distinção invulgar na história militar. O acto, a que assistiu o sr. ministro da Guerra, efectou-se no Terreiro do Paço, pouco antes do embarque no «Niassa».



FOI O SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR, na sua qualidade de ministro da Guerra, que, acompanhado do sr. Subsecretário de Estado daquela pasta, e de vários oficiais e generais, entregou a Bandeira Nacional à companhia expedicionária.



O DESFILE DA COMPANHIA FOI IMPECÁVEL. A multidão aclamou-a. Atrás do comandante, seguia a «mascote» do contingente — um carneirinho branco, que entende os toques de clarim e forma com os soldados, com a maior compostura.

CALCADA DA GLÓRIA

A EUROPA

O conhecido escritor humorista Armando Ferreira é, como sabem, secretário da Companhia dos Telefones. O que talvez nem todos saibam é que ele tem, no seu gabinete da Companhia, um grande mapa da Europa pendurado na parede, e sobre esse mapa uma enorme tira de papel onde estão escritas estas palavras: «Em preparação».

Eis, em bom rigor, a única verdade geográfica europeia.

ARMAS

URBANO de Castro que foi um dos nossos jornalistas de mais fino espírito, afirmava, uma vez, do alto da sua sobrecasaca preta:

— De todas as armas, a mais difícil de manejar — é o pau de dois bicos...

IDADE DE OIRO

SEGUNDO informam os jornais, Harvey Lehman, doutor da Universidade americana de Ohio, chegou à conclusão de que aos 58 anos o homem atinge a plenitude do seu poder econômico e financeiro: quer dizer a sua idade de ouro. E qual será a idade de ouro da mulher? Não o diz o sábio, mas talvez nos elucidie a este respeito a história daquele sagacíssimo sujeito que entrou numa loja e se dirigiu ao empregado, nestes termos:

- Fazia-me óssequio...
- Queira dizer.
- Minha mulher tem 50 anos...
- ?
- Trocava-ma por duas de 25?

UMA PERGUNTA

PORQUE será que estando sempre a saltar o pézinho às mulheres quando se trata de casar, os homens lhes pedem a mão — e não o pé?

O REI DE PORTUGAL

QUANDO da realização do Terceiro Congresso Internacional da Crítica, que se reuniu na Roménia, Portugal fez-se representar por alguns críticos e, entre eles, Paulo de Brito Aranha. No momento em que a rainha Maria e o pequeno rei Miguel recebiam os delegados no palácio real, deu-se um episódio curioso. Inesperadamente, o Rei Miguel olhou Paulo de Brito Aranha, espantando-se com o seu uniforme de oficial de engenharia, e não se conteve que não perguntasse, a meia voz, à princesa Helena:

— Este senhor é que é o rei de Portugal?

SAMPAIO E RACINE

UMA ocasião, era ministro do Reino António Rodrigues Sampaio, José Luciano de Castro queria à viva força que o governo demittisse o governador civil de Viana do Castelo que era provado regenerador.

— Não demito! — exclamou Sampaio, em plena Câmara.

— Pois morrerá com ele! — ripostou José Luciano.

Imediatamente Sampaio, que tinha uma memória privilegiada, lembrou, perante o sorriso da assembleia, as célebres palavras de Racine:

— *Il m'est plus doux de mourir avec lui, que de vivre avec vous...*

MURRO LITERARIO



Calçada da Glória, de madrugada, ao vento.
Pimenta e Olavo esmurram-se em duelo.
Olavo está vermelho, o Pimenta amarelo...
Ainda há quem se esmurre por um grande Pensamento!

Trocam-se seis tabeões. Há sangue! Galhardia!
Nisto, ouve-se perto, o murmurar dum tiro.
João das Regras surge — é o polícia de giro —
E prega os desordeiros — na esquadra d'Alegria...

TALENTO E DINHEIRO

UMA noite discutia-se no antigo Centro Regenerador o que cada um dos presentes — e eram duas dúzias — desejava ser, em matéria de homens célebres portugueses. Por brincadeira, fez-se uma votação e quando se procedeu à verificação do resultado, constatou-se isto: tinham entrado vinte e quatro listas; dois dos votantes queriam ser Bocage; três, Alexandre Herculano; cinco, Fontes Pereira de Melo; e os restantes — o Monteiro dos Milhões...

ACTRIZES

DESTA vez vais ficar satisfeita — dizia um empresário à vedeta da companhia: — Tens na nova peça um papel interessantíssimo.

A vedeta, encolerizada:

— Interessantíssimo? Com o mesmo vestido nos três actos!

LACONISMO

UMA vez, Victor Hugo, sem notícias do seu editor a quem havia remetido o manuscrito dum romance, enviou-lhe uma carta em que traçou apenas seis pontos de interrogação:

— ??????

Logo o editor respondeu, com a admiração de sempre:

— !!!!!

PREFETAS

QUANDO há anos Lloyd George passou por Lisboa perguntaram-lhe os jornalistas se a paz de Versailles teria sido definitiva. Respondeu: — Julgo que sim. Uma ou outra nuvem negra, pequenos abalos, mas tudo se encaminhará, pouco a pouco, para a tranquilidade, para o amor...

Diz-se que ninguém é profeta na sua terra. Pois Lloyd George também o não foi na casa dos outros...

POLÍTICA

TRADIZO de côr Louis Latzarus: «Afirma-se que a Política é a arte de governar os povos. Em todo o caso, essa arte consiste simplesmente em seduzir alguns milhões de pessoas por processos idênticos aos do campo que vende, em plena feira, a sua vaca ou o seu porco».

MONÓCULOS

PODEM ser imparciais os homens que usam monóculo — vendo as coisas só por um lado?

EMBAIXADORES

CERTO pretendente apresentou-se, uma tarde, no edifício de determinada embaixada, a fim de se avistar com o embaixador.

- Sua Ex.ª não pode recebê-lo — informou o porteiro.
- Tenho hora marcada, há três dias.
- Mas é que se enterrou hoje a sogra do sr. embaixador.
- Ah! Sim?
- É verdade. E nos dias em que se enterra a sogra de Sua Ex.ª, o sr. embaixador não costuma receber ninguém...

ZECO

O caricaturista Zeco — risonho colaborador desta página — fez um dia a caricatura de certo sujeito. A mulher do caricaturado, ao ver a caricatura, achou-a magnífica de charge e de pitoresco. Zeco, animado pela apologia, fez seguidamente a caricatura da senhora. Foi o fim do mundo...

UM EXEMPLO

JOSÉ Fernandes da Costa Pereira Júnior, brasileiro ilustre que foi ministro da Justiça durante o Império, conhecia e prezava a língua portuguesa como poucos. Mesmo absorvido pelos seus afazeres e pelas suas preocupações de ministro, nunca deixava de corrigir, com o mais escrupuloso cuidado, os officios que tinha de assinar.

— É necessário que o governo seja acatado — dizia ele — ao menos pelo meu português...

CHICO REDONDO

HÁ por aí ainda muita gente que se lembra de Chico Redondo. A vida deste homem, simultaneamente artista e boémio, dava um excelente romance de aventuras.

Uma noite, em Berlim, atravessava ele uma das ruas, quando ouviu algumas palavras, menos respeitadas, acerca da sua gordura. Voltou-se; agarrou no maldizente e sovou-o à antiga portuguesa. Inteveio a policia e acabou tudo perante a autoridade.

— Sou D. Francisco de Sousa Coutinho, baritonito da Grande Opera Imperial... Estreio-me amanhã... — declarou o nosso compatriota.

O sovado olhou-o, com respeito; e estendeu-lhe a mão, numa reverência:

— Pois eu sou «claqueur» da Ópera! Muita honra em conhecer o enormíssimo baritonito!

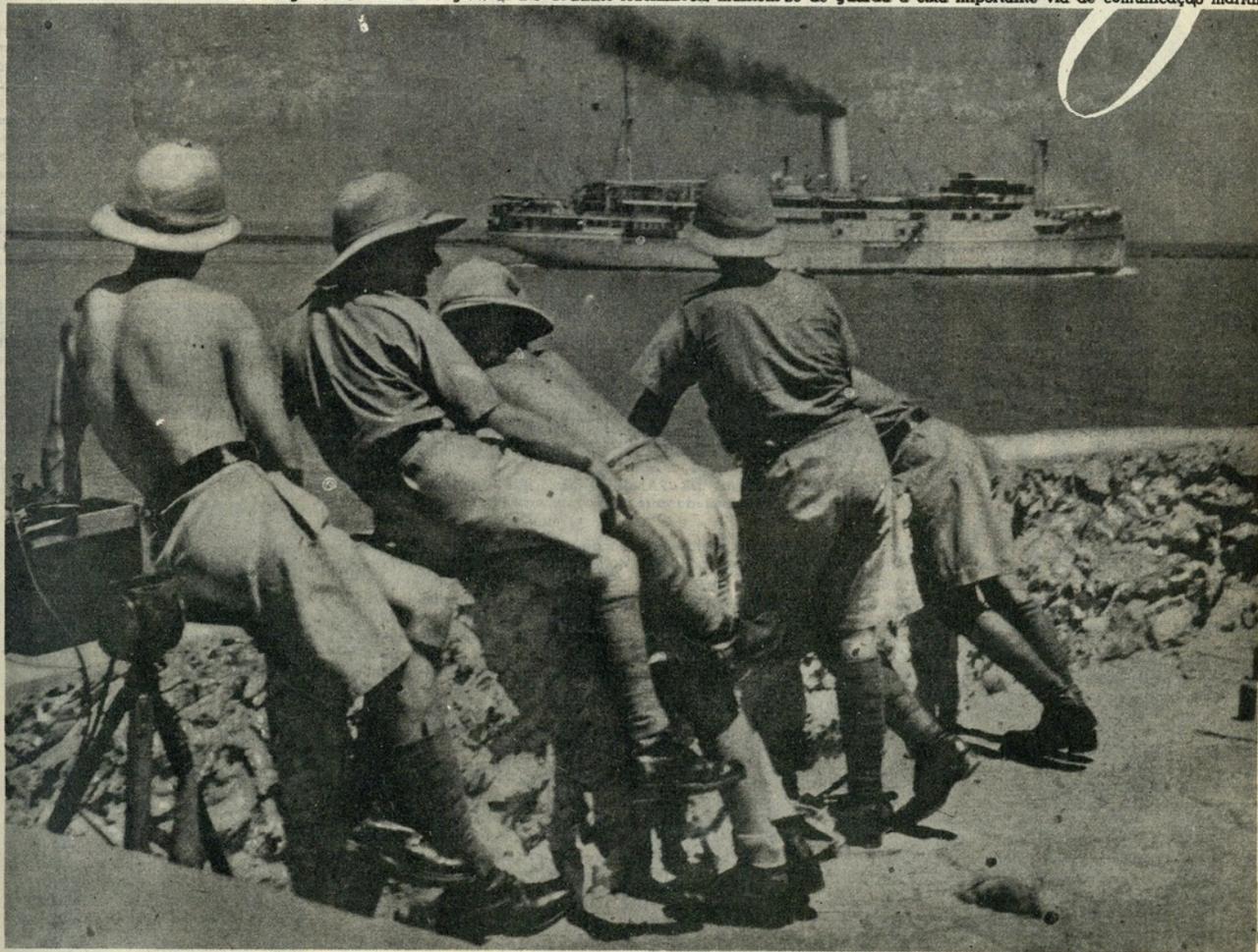
E foram ceiar juntos.

Luís d'Alveira

a Inglaterra vigilante

No Suez

O CANAL DE SUEZ, PORTA DE PASSAGEM ENTRE O MEDITERRANEO E O MAR VERMELHO, continua, não obstante tôdas as diversões da guerra, a ser um dos mais importantes objectivos da luta. No canal e nas bases que o dominam, a Inglaterra continua a estar vigilante. Os efectivos dos Exércitos do Nilo foram extraordinariamente aumentados e agora, às ordens do general Sir Claude Auchinleck, mantêm-se de guarda a esta importante via de comunicação marítima.



EM PORT SAID, soldados das tropas imperiais britânicas vigiam o canal. As defesas anti-aéreas foram reforçadas e, nos aeroportos do Egipto, aviões de «caça» da R. A. F. estão sempre a postos para interceptar os ataques que visem obstruir o canal. Na foto, vê-se um barco de transporte prestes a atravessar a estreita faixa.

Por terras do Próximo Oriente

No vale das melancolias

ao monte das águias

per Eduardo Dias

Uma rua da cidade de Alepo.



vernos com relativa autonomia! (A rigor ainda se pode acrescentar os regimes administrativos especiais de Alepo e Alexandria — esta última região cedida aos turcos há pouco tempo).

Que pretendiam os políticos franceses com estas aparentemente bizarras e múltiplas divisões territoriais e administrativas? Por certo amainar os tremendos conflitos dos vários núcleos religiosos... e servir clientelas eleitorais. O resultado foi que, tendo levado para o Oriente, com a sua cultura e o seu afínco às tradições europeias, um parlamentarismo incoadunável às instituições históricas locais e ao espírito já de si irrequieto dos indígenas, os franceses cometeram uma imprudência que lhes tem custado muito cara e pode acarretar a perda da sua benéfica influência naquelas paragens. E só um facto explica o desacerto, entre muitos, que levou a dotar o Líbano com um presidente, duas Câmaras, sete ministros e toda a sua pesada engrenagem burocrática, pa-

ço o nome que quiserem, deve imenso à França. A França tem gasto ali milhões e consumido milhares de vidas preciosas dos seus filhos para garantir o bem-estar dos sírios. E nada disso, nenhum sacrifício, consegue despertar o reconhecimento dos beneficiados!

Em Beirute, que o génio francês transformou em bela Côte d'Azur oriental, nessa agitada cidade em que o espírito encontra duas Universidades — uma francesa, outra americana —, várias escolas superiores e outros centros de cultura, nesse ambiente intelectual e de elegância europeia, com seus esquisitos perfumes e tons das **Mil e uma Noites**, — em Beirute os franceses encontram a hostilidade permanente dos muçulmanos que os acusam de haver cedido Alexandria aos otomanos e conspiram no sentido de realizar o sonho de Lawrence: um vasto império com uns cem milhões de habitantes de língua árabe.

Em Damasco... em Damasco reprova-se também a fatal questão de Ale-

ressaios do tipo de fortaleza peculiar aos Cruzados, Alepo viu desaparecer a sua importância de ponto de reunião das caravanas que vinham das profunduras da Ásia, via Bagdá. Tudo ali é também hostil ao mandato francês. Além das razões comuns a toda a Síria, o facto é explicável se recordarmos a argúcia e a habilidade com que os alemães ali se instalaram há muito tempo, com os seus engenheiros e doces irmãs de instituições católicas, todos mais empenhados em fazer detestar os concorrentes — que em cativar simpatias... E não é de surpreender se, em dia próximo, Alepo tiver a sorte de Alexandria, de tal maneira as duas cidades se encontram intimamente ligadas pela geografia e pela história, ambas quasi na fronteira turca.

Hama com as suas noras, cuja música tanto recorda o lirismo da nossa paisagem, Hama, ao contrário, invadida pela actividade barulhenta do **Pipe-line**, são dois vulções que os agitadores políticos e os fanáticos das várias correntes e dos numerosos cismas trabalham sem piedade contra a França. Palmira, rota indispensável e paragem obrigatória na ligação entre Damasco ou Hama e a Mesopotâmia, conserva escancaradas as suas gloriosas ruínas, num espanto indefinível perante a invasão das garages modernas que absorvem os tradicionais caravanserais. As lutas a que assistiu, no desdobrar dos séculos, mostram-lhe a fragilidade dos sonhos daqueles que constroem cidades na areia fulva e movem a deserta dos desertos...

Muito haveria para dizer sobre a efervescência política em Lataquié, reduzido desses estranhos Alauitas, que se dizem muçulmanos e usam esta bizarra fórmula de saudação: «Que Deus te faça viver e morrer na fé de Cristo!» Não menos haveria para contar acerca da revolta permanente dos Drusos, sempre à espreita do momento jeitoso para trucidarem dominadores e governantes, sem preocupação de origem e credo. Isso porém

(Continua no pág. 12)



UM ASPECTO DAS RUÍNAS DE PALMIRA, uma das cidades conquistadas pelas tropas britânicas durante a recente campanha da Síria.

A

PÓS a minha derradeira andança pelas rotas do Levante, mostrei em livros algumas impressões daquelas plagas em todos os tempos favoritas dos grandes senhores de extenso mando ou de conquistas de tipo religioso — Alexandre e

Cruzados —, e neles descrevi solos violentamente submetidos a vagas asiáticas e europeias, desde as barbaras hordas íberas e árabes até às legiões de Bonaparte e os mandatários do presente. Supõe, contudo, o amável director desta revista que eu devia ainda conservar outros materiais, interessantes nesta oportunidade para os seus leitores — e convidam-me a depôr como testemunha presencial.

Há, com efeito, muito para dizer — e por isso difícil de condensar num artigo leve — a respeito do que se convencionou denominar «Próximo Oriente» — essa faixa territorial compreendida entre o Tauro e o Mar Vermelho, o Eufrates e o Mediterrâneo, extensão com visível unidade geográfica, e etnográfica e politicamente fragmentada. Os tratados e as conveniências europeias começaram por separar do bloco a Transjordânia e a Palestina. Depois, no que restava da Síria unitária, outros golpes foram vibrados, novos esfacelamentos produzidos — e surgiram o Líbano independente e os «Governos» de Lataquié e do Gebel Druso. Assim, aquele torrão alcantilado que se estende numa superfície que não atinga 7.000 quilómetros quadrados — o Líbano de 1914, sob a dominação otomana — aparece depois da guerra acedido de Beirute, Tripoli, Saida e Beca, e ornado com um presidente e uma carta republicana parlamentar. Quere dizer: a Síria passou a constituir dois Estados com dois parlamentos e mais dois go-

ra governar... um milhão de habitantes! Esse facto é que certas zonas do Império francês necessitam de uma compreensão especial, do conhecimento perfeito e da isenção admirável que manifestaram Lyautéy, Pétain, Weygand e Gouraud, quando efêmeramente os deixaram livres das peias e cabalas dos políticos profissionais. Está provado não ser com abundância de parlamentos e autonomias perigosas que se governam povos heterogêneos e que sobrepõem à ideia da Pátria as suas rixas permanentes de carácter religioso. É mister unidade de comando e aquela energia inteligente de que, em territórios ocupados pela França, apenas alguns dos seus reputados generais têm dado seguras provas.

O que se fez politicamente na Síria, trouxe como paradoxal consequência a indiferença com que os nativos assistiram à luta que recentemente ali se desenrolou. A Síria, em geral, dêem a cada peda-

xa, sob o fundamento de que aquele pórtico era o natural escoamento da Síria do norte e o empório das mercadorias vindas do interior da Ásia com destino ao Mediterrâneo considerando-se a dádiva do **Sanjaque** uma derrota da Síria. E, naturalmente, a velha e perturbadora cidade dos Omíadas não suporta a independência do Líbano e as mutilações resultantes das outras autonomias engendradas pelos franceses. Isso, nas misteriosas e coloridas ruas do fascinante burgo dos califas, entre as melifluas e sarcásticas ofertas de flores para «apaziguar a sogra», de frutos em cuja árvores «cantam os rouxinóis que não deixam dormir, de noite, os guardas», de pãesinhos que são «alimento de andorinhas», — nessas vielas escuros, nos bazares e caravanserais, tua conspira e trama contra os franceses.

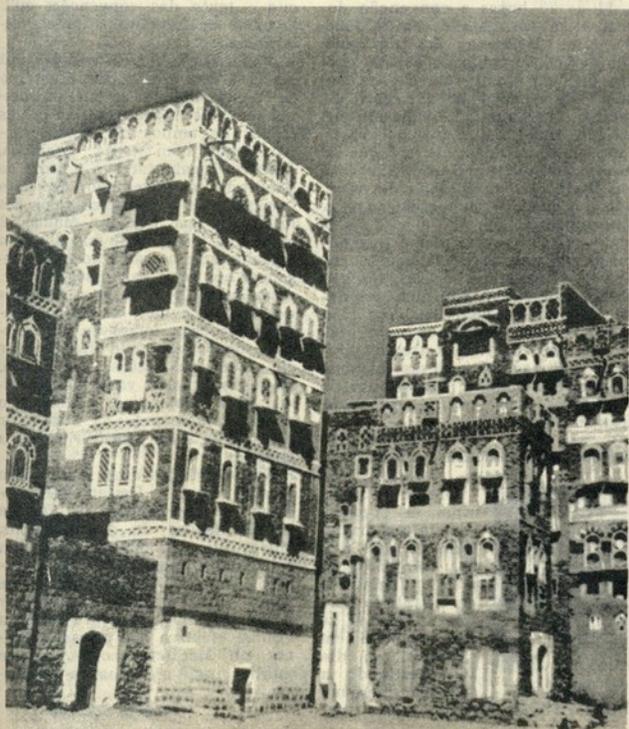
Alepo, centro ideal de ascetas cristãos e de excêntricos dervixes muçulmanos, é calma e distingue-se na barba funda levantina. Orgulhoso da sua medieval cidadela, magnífico espécime da arte árabe em que se vislumbra



Casas de Damasco, capital da Síria.

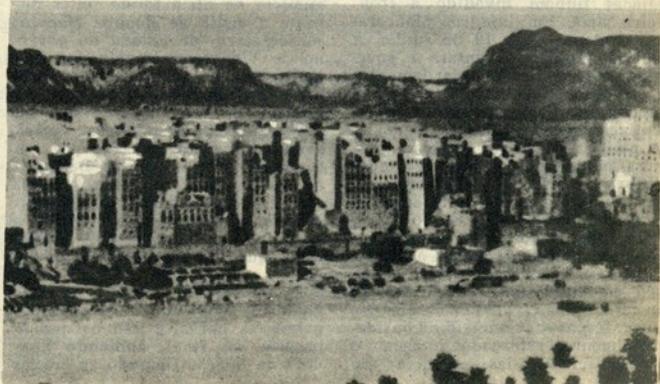


FALA-SE AGORA MUITO DA ARÁBIA. Mas muita gente ignora que, no deserto árabe, há arranha-céus. Na região meridional do país — Hadramut — junto ao golfo de Aden, o deserto é cortado de oásis, leitos de rios secos, com correntes de água subterrâneas que transformaram a região num paraíso de vegetação tropical. Foi aí que os árabes edificaram três aldeias-modéio com arranha-céus de barro virgem. A mais antiga dessas aldeias é Shibam, capital do vale do mesmo nome, com uma população de 7.000 almas. Os arranha-céus são construídos com telolos de barro que os indígenas secam ao sol. Estes edifícios, com cerca de 15 a 20 andares, conseguem resistir muito tempo, graças ao clima extraordinariamente seco da Arábia. Nêstes arranha-céus, vivem numerosas famílias.



A arranha-céus no deserto

A esquerda: Uma vista de Shibam, com os seus edifícios elegantes de arquitectura árabe; em baixo: uma vista panorâmica de Sana, outra aldeia de arranha-céus.



Panorama Internacional

Convenção de paz, aliança de guerra

por Francisco Veloso

A

semana foi traçada por dois acontecimentos, a convenção da Síria e a aliança anglo-russa, que retomaram tanto como os estrépidos formidáveis dos combates travados e retravados que há mês e dias mostram ao mundo ansioso o choque ciclópico dos maiores exércitos do mundo, numa batalha sem precedentes. A Inglaterra, por enquanto, continua a respirar.

A DESFORRA DE CRETA



WILSON

Há pouco mais de quinze dias, o general Dentz, alto comissário e comandante-chefe das «tropas» de Vichy», segundo a terminologia de um telegrama que chegava de Londres, propunha ao general Wilson, comandante chefe das tropas inglesas e das da «França Livre» chefiadas pelo general Catroux, um armistício para a cessação da luta. A proposta fora feita por intermédio dos Estados Unidos, dizia aquele despacho.

Os dois exércitos defrontavam-se em Beirute. Wilson acabava de declarar que não esperaria por mais tempo a evacuação da cidade e ia passar ao assalto. Os austríacos tinham já avançado pelos subúrbios.

Explicando o acontecimento, o general Huntziger, ministro da guerra do gabinete Darlan, redigia e publicava no dia 9 um comunicado em que, declarando a impossibilidade de enviar, em quantidade suficiente, ao general Dentz, reforços que já preparara, *dera autorização* a este último para pedir a imediata suspensão da luta. E acrescentava: «Efectuaram-se ontem diligências neste sentido em Beirute por intermédio do cônsul geral dos Estados Unidos».

Havia um mês que as tropas aliadas tinham invadido a fronteira síria. Em Londres planeava-se o ataque para 19 de Junho. A opinião pública levantara-se energeticamente contra os retardamentos da política defensiva, e exigira o ataque imediato em termos indiscutíveis que a imprensa traduziu. A política de guerra britânica passara ao ataque. O jornal francês *Effort* escrevia: «A Inglaterra quer ainda salvar o seu império ameaçado pelas forças do Eixo, sobretudo depois que estas conquistaram Creta. O ataque à Síria é uma tentativa para demorar o que ela considera uma catástrofe». O general Dentz afirmava que as suas forças haviam sido consideravelmente reforçadas, «com o consentimento das potências do

Eixo» e estavam capazes de repelir a invasão.

A Inglaterra urgia (e o perigo ainda não passou de todo) salvar em Chipre e na Palestina as posições básicas do Egipto. O destino fizera com que a guerra da Síria se transformasse, como aqui se lhe chamou, na *guerra das duas Franças*.

Extraordinariamente abreviada pelo desencadeamento da luta germano-russa que obrigou a Alemanha a interromper, logo ao termo da campanha de Creta, a sua ofensiva no Mediterrâneo, deixando Dentz sem auxílios, a da Síria remata portanto na capitulação dos defensores, no tabuleiro onde se desenrolaram os dois graves problemas que a abriram e caracterizaram. A Inglaterra recupera todas as posições no Médio Oriente, e no Mediterrâneo Oriental, deixando ao general Wawell tempo e meios para afrontar, desde a Índia, as infiltrações do Eixo na antiga Pérsia, onde se pretende renovar o golpe do Iraque, e acorrer a possíveis defesas do Cáucaso. O êxodo interno da França vê alterados os seus termos.

OS BASTIDORES DUM ARMISTÍCIO



CATROUX

O ultimato de Wilson a Dentz para a evacuação de Beirute terminava às 17,30 do dia 8, hora local. Os Estados Unidos tinham já então intervido, porque na manhã do dia 10, segundo telegrama de Vichy, ainda o general Dentz não tinha recebido resposta «ao seu pedido de suspensão de armas formulado no dia 8», e esse pedido fôra feito pelo cônsul norte-americano com conhecimento de Washington. Wilson apresentou as condições logo a 9, as quais também por intermédio do representante de Washington em Vichy foram apresentadas na capital política da França. De facto, convém ter presente que de Istambul no dia 11 informavam que as primeiras negociações para se assinar um armistício na Síria foram feitas durante a visita de Benoist Mechin, subsecretário de Estado do governo de Vichy, ao embaixador britânico em Ankara; que o governo britânico comunicou a proposta ao governo de Washington, que deu instruções ao cônsul geral americano em Beirute para se pôr em contacto com o general Dentz, e que mais tarde, o general Dentz escreveu uma carta ao general Wilson, dizendo estar pronto a examinar as condições de armistício, que lhe foram então enviadas.

A intervenção norte-americana regia os acontecimentos desde as primeiras horas, e não os desampararia até final, apoiando Londres na Síria e limando as arestas

em Vichy. As modalidades sucessivas das negociações não têm outra explicação.

Entre as dez condições inglesas, apareciam estas duas fundamentais: «A Inglaterra não alimenta quaisquer ambições territoriais sobre a Síria e Líbano e apenas pretende ter a certeza de que estes territórios não serão utilizados pelo Eixo como bases terrestres ou navais. Os interesses franceses serão salvaguardados pelo franceses livres dentro dos quadros da independência que foi garantida à Síria pelo Governo inglês».

A resposta francesa, entregue no dia 11 à tarde, denegava em absoluto negociar com os representantes de De Gaulle, a quem reputava traidores, e devolvia ao general Dentz os poderes necessários para, em caso contrário, retomar as hostilidades.

Weygand fôra chamado a Vichy. De Gaulle que continuava no Congo, diante do problema da presença dos alemães em Dakar e mais para o sul, onde infestam o Atlântico, nomeava Catroux seu representante plenipotenciário. O governo turco apresava as poucas unidades navais francesas, escapas à aviação e à esquadra britânica, que se haviam refugiado em Alexandria.

Mas a relutância de Vichy de nada valeu.

A meia noite de 11, tocava a cessar fogo na frente da Síria e às cinco da manhã seguinte, o general Dentz atravessava as linhas inglesas. As negociações são abertas. A 14 às 20 horas a convenção do armistício era assinada em S. João de Acre. Deixa-se ver, por uma simples conferência de horas e datas, que em Vichy houve efectivamente de começo um assombro de recusa, mas que antes mesmo de ser este quebrado, já as negociações estavam começadas. Entre o que se passou em Vichy e o que se passou em Beirute e em S. João de Acre, não foi perfeita a correlação e o sincronismo.

Contra as regras, não é o general Dentz que negocia com o general Wilson, mas o seu adjunto De Verdillac, e é este que, nas negociações, se encontra com Catroux, contra recomendação expressa de Vichy. São tropas aliadas e não só as inglesas que entraram em Beirute e ocuparam os territórios do antigo mandato francês.

A FEDERAÇÃO ÁRABE



RIBBENTROP

Obtido o principal, a convenção de um armistício foi, em troca, transformada pela Inglaterra em tratado de paz — como se lhe chamava em Londres, no dia 16 — destinado a dar tranqüillidade à Síria. Todas as cláusulas são dita-

das por um espírito de conciliação, que não condiz às primeiras ordens de Vichy ao seu alto comissário (figura que a partir do dia 12 desapareceu do cenário) e que deixa implicitamente ressalvada a liberdade das tropas vencidas preferirem ficar na Síria, em vez de regressarem às autoridades videntes em França. Dêste modo, os objectivos iniciais de Wilson e De Gaulle estão intactos. E separando nitidamente a convenção militar dos objectivos políticos, a Inglaterra reserva plenamente a criação da federação dos Estados Árabes, para a qual já a 15 haviam começado no Cairo extra-oficialmente pactos de unificação aduaneira e acordos comerciais.

«Os países já envolvidos nas negociações — dizem de lá — são o Egipto, Palestina, Transjordânia, Iraque, Síria e Líbano. A Arábia Saudita e o Yemen, que tradicionalmente seguem uma política individualista, é provável que sejam fortemente influenciados. Esta influência também seria sentida no Irão, onde ultimamente tem estado muito activa a propaganda do Eixo».

Churchill festejou toda esta vitória nos Comuns, no dia 15, em termos que deixam antever exactamente que foi por atenção ao povo francês e a uma transformação para melhor das relações com Vichy (e deve estar aqui através da acção dos Estados Unidos e sob a influência enorme da opinião francesa, o segredo das mudanças na conclusão do capitulo da Síria) que o texto das convenções militares se encheu de reciprocas deferências:

«O facto das nossas relações, tais como se encontram, com o governo de Vichy, não terem piorado nestas semanas angustiosas em que as tropas de ambos os lados se defrontaram com tanta disciplina, destreza e galantaria, é a prova da profunda compreensão do povo francês pelo verdadeiro valor dos interesses em jogo no Mundo. É uma manifestação de que o mesmo espírito que os guia nos dá coragem a nós para os nossos bombardeamentos, a-pesar-de as bombas dos nossos aviões, devido aos azares da guerra, terem de ser lançadas sobre território francês por ele estar nas mãos do inimigo. Não procuramos vantagens na Síria. O nosso único objectivo ao ocupar aquele país, foi o de bater os alemães e de procurar vencer a guerra».

Na guerra das duas Franças não foram Laval e Darlan quem ganharam. Os comentários do *Effort* e as afirmações do general Dentz, cheias de tendências pró-alemãs conhecidas, passaram como desabafos inúteis. A agulha variou de rumo. Foi esta, desde o baquear da resistência helénica a primeira vitória efectiva das armas britânicas no Mediterrâneo. A opinião pública inglesa intimando a urgên-

(Continua na pág. 12)

o caso da semana

Uma lápide na cripta da catedral de Lourdes reco'rda o sacrifício dum herói americano

por Carlos Ferrão

LENTAMENTE foram chegando à cripta da Igreja de S. Paulo algumas personalidades eminentes na política, na diplomacia, no exército e na aviação. À frente d'elles, o secretário e representante do Primeiro Ministro, Brencian Bracke, depois o embaixador dos Estados Unidos, John Winant, ao lado do ministro do Ar, Archibald Sinclair. De volta, nomes conhecidos na epopeia aérea da Grã-Bretanha, o marechal da Aeronáutica, Sir Charles Portal, o vice-marechal do exército do ar canadiano, Bredtner, o comandante da defesa aérea de Londres, Bertram Sergison Brooke, o ministro do Ar canadiano, Power.

O dia da independência dos Estados Unidos ia ser comemorado com uma cerimónia simples que simbolizava a fraternidade de armas de ingleses e americanos, pondo em relevo o espirito de sacrificio dos primeiros, o estoicismo inabalável dos segundos. Dois hinos nacionais, um discurso official, uma oração e uma lápide simples seriam as únicas manifestações exteriores daquêlle espectáculo. Nos olhos de quasi todos os presentes, habituados a jogar a vida, uma lágrima furtiva. A derradeira homenagem a um herói tinha de ser um símbolo de inibidade e de coragem.

William Mead Lindsley Fisk tinha vinte e nove anos e uma noiva deliciosa. Fizera a vida de ar livre e de risco que caracteriza a mocidade desportiva do seu país. Os camaradas e os amigos chamavam-lhe, com simplicidade e simpatia, «Billie». Billie Fisk. Logo que rebentou a guerra, veio para Inglaterra. Alistou-se, como voluntário, na aviação. Esteve em França e assistiu à derrocada que parecia irreparável. Incorporado na esquadilha de caça n.º 601, viu os bombardeiros inimigos pairarem ameaçadoramente no céu da sua pátria de eleição. Foi dos primeiros a subirem e dos primeiros a tomarem. Em 16 de Agosto, o seu aparelho, que conhecia a embriaguez da altura e da vitória, caía envolto em chamas. Dois dias depois, «Billie» morria num hospital.

Uma cerimónia impressionante

Era tóda esta carreira fulgurante que uma pedra simples, cercada de flores, evocava numa legenda de meia dúzia de palavras: «Um cidadão americano que morreu para que a Inglaterra possa viver». Por cima desta inscrição, singela e plena de força interior, o busto de Washington. Em redor dela, a emoção profunda dos camaradas de luta e de aspirações.

A cripta encheu-se com os hinos inglês e americano. O cenário conhecia a angústia das noites levadas na vela dos ataques sucessivos e mortíferos. Durante semanas servira de abrigo a algumas dezenas de mulheres e crianças que tinham aprendido a lição dura da guerra e dos sacrificios que ela impõe. Os claustrous repercutiam, solenemente, as notas graves que uma banda escolhida da R.A.F. ia tocando. Todos os presentes se sentiam irmanados pelo mesmo espirito, pela mesma confiança e pela mesma decisão. No ambiente, pairava a sombra das horas más passadas e recordadas.

Insensivelmente, as vozes ergueram-se a acompanhar o som dos metais. Um coro comovido e unânime saudou os restos mortais do soldado que enchia as imaginações.

O deão da catedral, Dr. Mathews, levantou-se para pronunciar uma oração. Ainda esboçou um gesto de ritual que todos surpreenderam. Mas logo, no meio do silêncio que se fizera, clamou, numa emoção: «Nunca tantos deveram tanto a tão poucos». Como num cerimonial, cuidadosamente preparado, os presentes repetiram, em murmúrio, a legenda churchilliana.

Novamente as músicas e os cânticos se fizeram ouvir. Lá fora, a guerra continuava a devastar o



O MINISTRO DO AR INGLÊS, Sir Archibald Sinclair, rodeado dos altos comandos da R. A. F.: Lord Hamilton, Capitão Balfour, Marechal Garrod, Comodoro Chamier e J. Wolfenden.

mundo. Naquêlle recanto, uma tranqüillidade inesperada sucedia à inquietação de tanto tempo. «Billie» Fisk era um dos mártires dessa transformação.

O discurso do ministro do Ar

Um discurso do ministro do Ar, Sir Archibald Sinclair, resumiu as proezas do aviador americano, significando as homenagens da Grã-Bretanha: «Oito dias depois de começar a batalha da Grã-Bretanha, uma esquadilha de bombardeiros inimigos atacou um aeródromo situado no sul da nossa ilha. Para lhes dar combate subiu uma formação de «Hurricanes». Iniciou-se um combate muito violento. Era um dos numerosos combates que haviam de terminar pela vitória britânica».

«Um dos homens decididos que tomaram parte nessa acção chamava-se William Fiske. Um comunicado lacónico do comando da aviação annunciou que êle fazia parte da esquadilha de caça n.º 601 e que fôra gravemente ferido em combate no dia 16 de Agosto. O seu avião caiu em chamas no aeródromo, depois da luta».

Sir Archibald Sinclair repetiu: «Depois da luta». E acrescentou:

«O piloto William Fiske não tinha obrigação de se bater pelo nosso país. Não era inglês. Era um cidadão dos Estados Unidos».

«Na sua frente, tinha uma carreira prometedora. Estava associado aos interesses duma firma poderosa de Nova-York. Tinha uma reputação como campeão de desportos de inverno».

«Nenhuma pressão, nenhum compromisso o obrigavam a bater-se pela Grã-Bretanha. Mas veio, bateu-se e morreu. Um poeta latino disse um dia que o destino mais brilhante que o homem pode ter é morrer pela sua pátria. Os companheiros de William Fiske sabiam por que morriam. Eram todos seus amigos. Tinham brincado com êle. Com êle morreram».

O exemplo do aviador norte-americano ficou na memória de quantos o conheceram e puderam apre-

ciar a sua bravura pessoal, a sua decisão perante o risco e a sua isenção.

A colaboração anglo-americana

Sir Archibald Sinclair recordou os mentores da causa da solidariedade humana, de Sócrates a John Brow, para acentuar que o sacrificio de William Fiske não resultaria inútil.

«Foi por isso, acrescentou, que nós escrevemos sóbriamente a crónica de sua vida e da sua morte, arquivando-a no escriptorio da capital do nosso Império. A grandeza dos seus actos não será apenas testemunhada por uma singela inscrição tallhada na pedra. A memória dos vindouros há-de recordá-la sempre. É êsse o melhor monumento que poderíamos erigir para perpetuar a sua heroicidade e o seu espirito de sacrificio».

A colaboração anglo-americana intensifica-se, à medida que o tempo decorre. Além do auxilio em material, que tem sido importante e, em mais duma ocasião, decisivo, as medidas intervencionistas adoptadas pelos Estados Unidos, no plano político e no plano militar, indicam um propósito firme de identificar a causa da Grã-Bretanha com o futuro e com os destinos dos Estados Unidos.

Os pontos de vista da Administração e do Parlamento nem sempre se têm conciliado. Os colaboradores directos do presidente Roosevelt mostram-se incansáveis na tarefa de dissimular ou fazer desaparecer essas divergências. Ao mesmo tempo a campanha isolacionista, nos círculos dirigentes e junto do público, tornou-se preponderante, servida por algumas personalidades categorizadas dos partidos constitucionais, da Imprensa e do mundo financeiro.

A homenagem simbólica que o governo e a aviação da Grã-Bretanha acabam de prestar a um cidadão norte-americano não visa apenas a impressionar as imaginações. Tem um objectivo político mais importante: significar ao Mundo que a opinião norte-americana está disposta a sacrificar-se pela defesa da Grã-Bretanha.



Vida PORTUGUESA

O «TERÇO» DE ESPECIALISTAS DO BATALHÃO N.º 6 da «Legião Portuguesa» efectuou no quartel de Caçadores 5 uma interessante festa militar legionária a que assistiram os srs. dr. João Pinto da Costa Leite (Lumbrães), general Casimiro Teles e outras individualidades. À esquerda, a entrega dum distintivo da Legião a um soldado. Em baixo, os citos comandos da L. P. saudando as tropas que desfilarão.

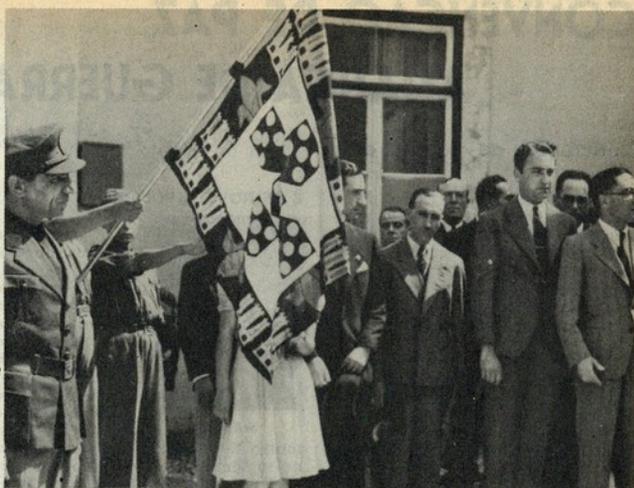


A SOCIEDADE NACIONAL DE MÚSICA DE CÂMARA promoveu em S. Carlos o festival João Arroyo, que foi o último concerto da temporada, patrocinado pela Fundação João Arroyo, com a colaboração da Grande Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. Foi uma festa muito interessante e de alto significado artístico. À direita, o maestro Fernando Cabral, que dirigiu a orquestra, com os cantores Maria Luíza Correia Mendes, Laura Lima, Américo Costa, José Eurico Lisboa e D. António de Bragança, que interpretaram os principais papéis da ópera inédita de Arroyo, «Leonor Teles», considerada a obra-prima do grande compositor. Em baixo, um aspecto da plateia de S. Carlos durante o magnífico espectáculo.

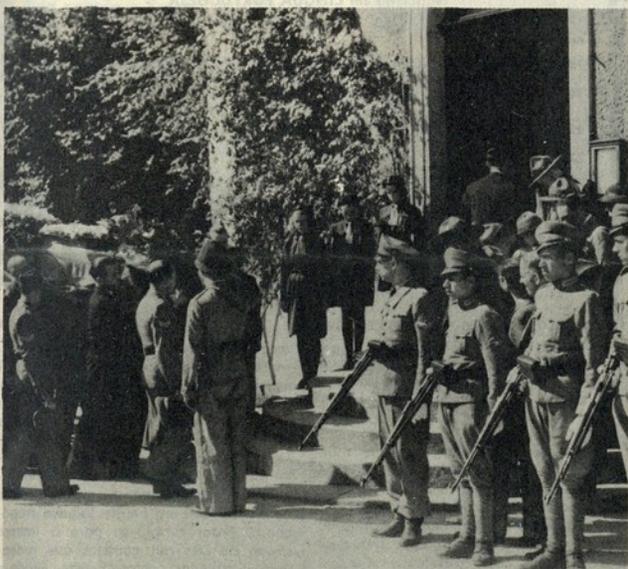




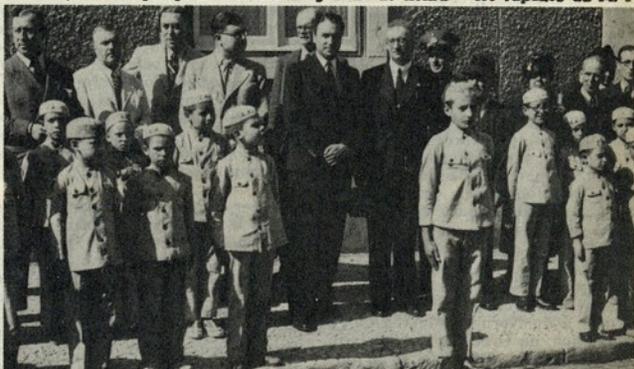
ENTIDADES OFICIAIS que assistiram ao funeral dos tripulantes do avião inglês que se despenhou no mar, ao largo da praia de Fão, em Esposende.



NO ASILO D. MARIA PIA, inaugurou-se no domingo a exposição anual de trabalhos escolares. Presidiu ao acto o sr. dr. Braga Paixão, Director Geral da Assistência, que passou revista à guarda de honra — 400 rapazes da M. P.



OUTRO ASPECTO DO FUNERAL DOS AVIADORES INGLÊSES. A entrada dos ferretos na igreja do cemitério britânico, no Pôrto, onde foram depositados.



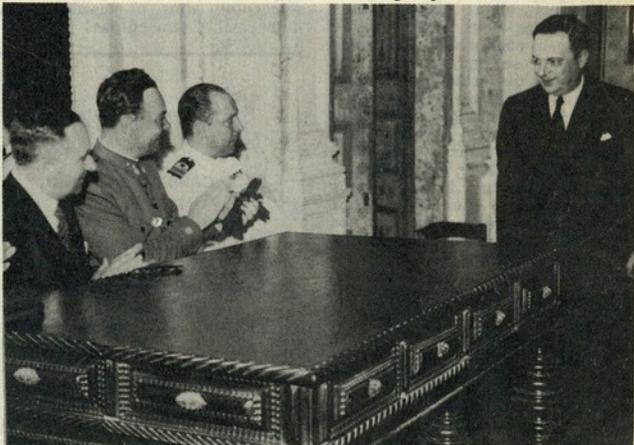
O REPRESENTANTE DO GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA com os membros da Comissão Central das Juntas de Freguesia, na Junta de Freguesia de Alcântara.



O V ANIVERSÁRIO DO MOVIMENTO NACIONALISTA espanhol foi comemorado na Embaixada com uma sessão solene e a inauguração duma sala de leitura.



A COMEMORAÇÃO DO 14 DE JULHO NO PÔRTO. O cônsul da França lendo o seu discurso junto da lápida dos mortos da Grande Guerra, na Legação. (Foto «Panorama»).



O SR. MAJOR BOTELHO MONIZ, agraciado pelo governo espanhol com a medalha militar, foi homenageado na Casa Militar numa cerimónia a que assistiu o sr. embaixador de Espanha e outras altas individualidades espanholas.

CONVENÇÃO DE PAZ, ALIANÇA DE GUERRA

(Conclusão da pagina oito)

Por Francisco Velloso

cia do ataque, tinha razão. Para ganhar a guerra, é preciso realmente andar de pressa, ou mais de pressa que a Alemanha, sobretudo neste momento, mesmo sem contar com a Rússia.

CRIPPS CONTRA RIBBENTROP



CRIPPS

e a não negociar a paz separadamente.

Quando nos lembramos de que o mesmo Molotov que apertava a mão a Ribbentrop a 22 de Agosto de 1939, agora apertou a de Stafford Cripps, podemos bem medir a evolução que o mapa da guerra sofreu no período de dois anos, e como são falíveis os prognósticos que não contam para o seu desfecho com maiores surpresas.

O novo tratado está na consequência lógica da declaração britânica que considerou a invasão da Rússia pela Alemanha no mesmo pé que a da Noruega, da Holanda, da Bélgica, da Grécia, da Polónia e da Jugoslávia, e da aceitação por Moscovo dessa solidariedade britânica e dos auxílios que ela imediatamente implicou. Sob este simples ponto de vista, não pode constituir facto novo. Avulta, porém, pelo que contém, e que Churchill resumiu ao dizer: «É uma aliança, o povo russo é nosso aliado». Só com o andar do tempo, no curso dos acontecimentos diplomáticos e económicos, e da duração da ofensiva alemã que suportar o peso enorme de um grande adversário já adaptado à arte da guerra mecanizada, poderemos com justeza avaliar da força dessa aliança, que aparece como uma desforça da vitória alemã de 1939 e como factor importante na política europeia.

Ocorreu a Churchill de novo que se exploraria esse tratado para acusar a Inglaterra de emparceirar com o comunismo, e leu, como resposta, estas palavras assás vivas de Smuts:

«Ninguém diga que estamos agora ligados com comunistas e lutando pelo comunismo. Com mais propriedade se poderá acusar os neutrais e os que estão de palanque, de combaterem pelo nazis. Se Hitler, obrigou a Rússia a combatê-lo em defesa própria, abençoamos o exército daquele país e desejamos-lhe a melhor sorte, sem por um instante, sequer, nos identificarmos com o seu credo comunista. Hitler fez dela um inimigo, mas não nos fez amigos do seu credo, da mesma maneira que antes, ele fizera deslealmente dela um amigo, sem ter abraçado as suas ideias comunistas.

A guerra mata — sempre matou — a revolução. As veleidades que ainda supurem em Moscovo, ou são desfeitas pelas forças vitoriosas do Reich ou pela presença activa da Inglaterra no Kremlin.

A resistência até agora sensível dos exércitos russos nos dirá qual destas soluções prevalece. Mas, como diria Kipling, isto é outra história.

E DE NOVO A POLÓNIA...



SIKORSKI

O que se acentua no tratado é a posição internacional anglo-russa contra a Alemanha, e ela não se revela somente no aplauso unânime que os Dominios lhe deram, mas nestoutro facto que o chefe do governo inglês se apressou a apresentar: «O ministro dos Negócios Estrangeiros, nestes dias de muito trabalho, tem também estado a elaborar um acordo entre o Estado russo e a República polaca. Estas negociações ainda não estão terminadas, mas tenho grandes esperanças de que, auxiliados pelas altas qualidades de estadista do general Sikorski, muito brevemente será dado mais um importante passo em reunir todos os povos livres do Mundo, contra quem obscureceu a sua vida e ameaçou o seu futuro».

Hitler tem já sob o poder das suas armas o território da antiga república polaca que em 39 partilhou com Estaline, e poderá por isso antecipar-se a Londres, desde que uma reconstituição da Polónia seja consagrada pela sua vitória. Não deixa, porém de ser estrondoso ver anulada essa partilha, por efeito da nova aliança que Moscovo acaba de assinar, com a nação que um dia garantiu a Varsóvia ir em seu socorro...

Quasi a dois anos da eclosão da guerra, dir-se-ia que o espantoso crime reverte ao local da sua origem, e que Stafford Cripps e Eden estão revendo e reparando aquela tremenda oscilação franco-britânica diante do espectáculo confrangedor das colunas blindadas e dos fragorosos bombardeamentos com que Adolfo Hitler chumbava o *Finis Poloniae* sobre as ruínas das cidades históricas. Chamberlain morreu vencido da tristeza dos seus desenganos. A França está retalhada à espera de si mesma. O rei Carol vouou na explosão. No crâneo do general Von Kritz talvez já não haja sinais de balas na nuca, debaixo da terra. Tudo passou como as avalanches no dorso de montanhas. E como o pastor de D'Annunzio, parece que vivemos setecentos anos o pesadêlo maldito sem culpas!

Vida
MUNDIAL
e Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00.
África: 12 meses (48 números) — 60\$00.
Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65\$00.
Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80\$00.

Visado pela Comissão de Censura

Vida
MUNDIAL
e Ilustrada

B.B.C. A VOZ DE LONDRES B.B.C.

FALA

E O MUNDO ACREDITA

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Hora de verão	Estações	Ondas curtas
13.15	Noticiário	GR Z 13.86 m. (21.64 mc/s) GS O 19.76 m. (15.18 mc/s)
13.30	Actualidades	GR V 24.92 m. (12.04 mc/s)
22.00 (*)	Noticiário	GSC 31.32 m. (9.58 mc/s) GS B 31.55 m. (9.51 mc/s)
22.15	Actualidades	GRT 41.96 m. (7.15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24.92 metros (12.04 mc/s) em G R V

Do vale das Melancolias ao Monte das Águias

Por Eduardo Dias

(Conclusão da página seis)

levar-nos-ia longe — e eu já disse alhures bastante sobre tais gentes e suas atitudes para com os europeus.

«Atrás de mim virá quem de mim bom fará»... Os ingleses, não obstante a generosidade com que prometem uma independência difícilmente viável por agora, terão um acolhimento idêntico ao dos franceses nos domínios de Belquise e de Zenóbia. Em Beirute sabe-se o que representou de desvantagem para a Síria em geral a concorrência de Haifa. Em Damasco recorda-se a manobra de Lawrence com o emir Façal e os episódios da formação do Estado do Iraque. É possível que a Inglaterra possa dispor dos serviços do major Philby, hoje convertido ao islamismo e pessoa influente na corte de Ibne Séude, mas os tempos mudaram consideravelmente, enquanto o espírito de vingança, a astúcia e a ingratitude proverbial dos árabes continuam imutáveis...

Eis aí, pois, algumas das realidades objectivas acerca das plagas misteriosas onde, pela primeira vez, antei fragmentos das histórias de Antar. Recordame até, a propósito, que uma delas era assim:

Antar, que sempre ouvira louvores à generosidade espantosa de Hatim (símbolo da prodigalidade entre os beduins), desejava ansiosamente conhecê-lo. Um dia que Antar partira sózinho para uma gazvia, montando orgulhosamente o seu indomito Abjer, encontrou um humilde pastor. Ainda que desconhecidos, os dois homens resolveram atacar um rebanho de dez mil e dez camelos. Vencidos os guardas, na altura da partilha, Antar inquiriu do ajudante:

— Como vamos dividir o espólio?
— Tu passas a oeste daquela montanha, sugeriu o pastor — e eu vou em

sentido contrário. Depois, ambos chamaremos os animais com o nosso grito especial, ficando cada um de nós senhor dos que acorrerem à respectiva chamada.

Antar concordou e foi para o local indicado. Quando lançou o grito — e fê-lo imitando a maneira dos pastores — viu que apenas dez camelos o seguiam. Fulo, já pronto a esmagar o camarada que em mente julgava trapaceiro, Antar dirigiu-se para o imenso grupo de dez mil camelos que rodeavam o singular pastor. E este, vendo o guerreiro de lança em riste, disse-lhe tranquilamente:

— A partilha foi com efeito injusta. Eu vi o teu ardor no combate e julgo que todo o rebanho deve pertencer-te... E reconheço-te pela força: Tu és Antar!

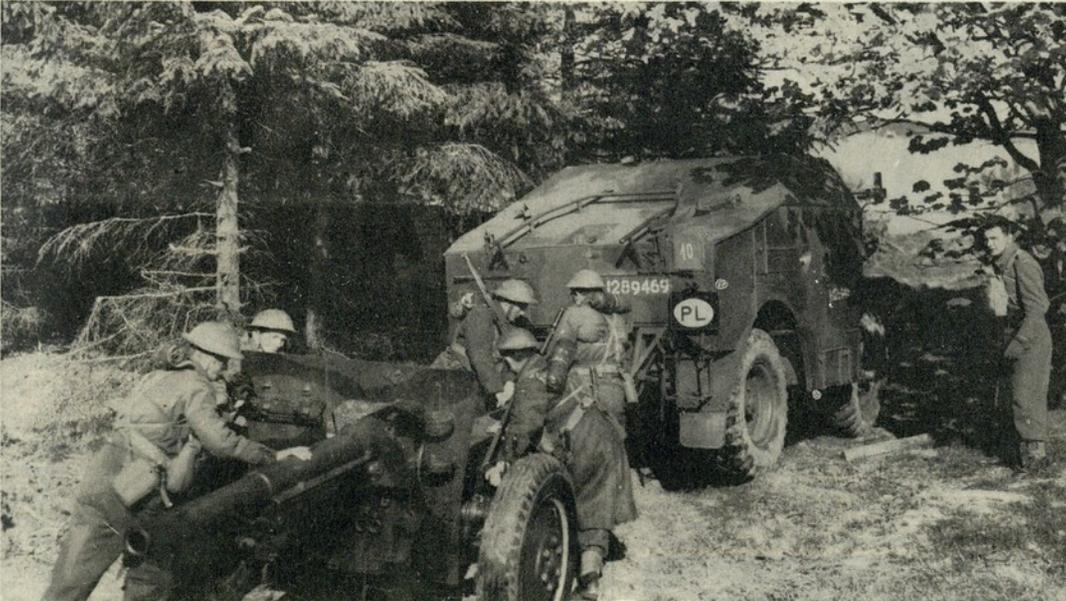
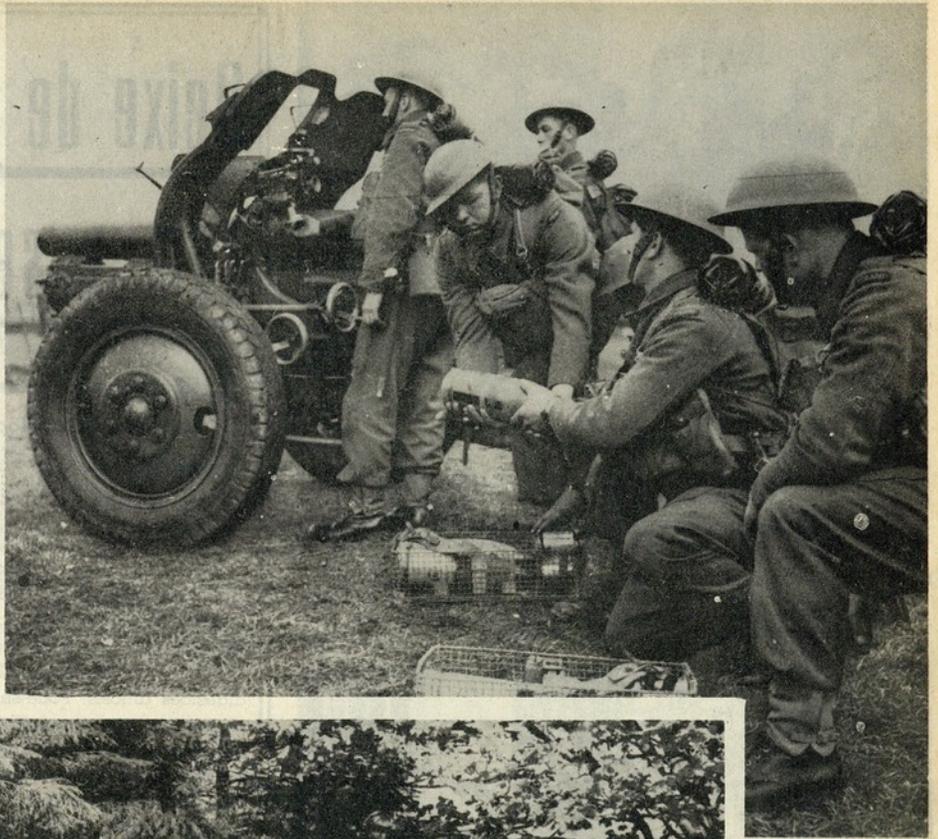
— Tu és Hatim! — exclamou o filho de Xadade, com entusiasmo.

— Sou. E ia dizendo que o rebanho devia pertencer-te como justo prêmio da tua bravura. Mas... mas que posso eu contra a vontade de dez mil camelos que espontânea e obstinadamente resolveram seguir-me?

Ignoro se Antar julgou de bom quilate a sentença de Hatim e continuou a acreditar na existência de uma virtude que nunca vira praticada pelos beduins: a generosidade. As lendas orientais são sempre de finalidade e moralidade nebulosas — e esta não foge à regra. É fora de dúvida todavia que os sírios lhe emprestam conceito adequado às circunstâncias, porque afirmam estarem as armas de Antar — a sua lança de ouro e o sabre de diamantes — enterradas em Marbate Alhaçam, no sopé do Monte das Águias. E asseguram também que na hora própria, sempre guardada com paciência e fé, surgirá um ribeiro cujas águas descobrião o tesouro vingador, dando-lhes então forças invencíveis para o *Jihade* — a «Guerra Santa»...

a POLÓNIA Continua a lutar

QUANDO A POLÓNIA CAIU, mais de 60.000 polacos, depois de viagens avulsas, conseguiram chegar a França. Ali se formou um governo polaco, dois dias depois da tomada de Varsóvia. E esse novo exército combateu na Noruega e em Dunquerque. A brigada dos Carpatos, que estava na Síria quando a França capitulou, juntou-se às tropas do general Wavell.



A POLÓNIA CONTINUA A LUTAR. A sua Marinha de guerra combate ao lado dos navios ingleses. Mais de 200 oficiais e 2.000 soldados aviadores entraram para a R. A. F., onde se têm distinguido pela sua bravura. O seu comandante é o general Estanislau Ujejski. Polacos residentes em todas as partes do Mundo estão acorrendo às fileiras. O general Sikorski, comandante em chefe das forças polacas — que acaba de declarar que a Polónia está pronta a auxiliar a Rússia, desde que este país queira respeitar os compromissos tomados em 1921 — esteve na América — onde existem 4.500.000 polacos nos Estados Unidos e 150.000 no Canadá — a organizar uma divisão polaca. (Fotos Britanov)



NO INSTITUTO DE CIENCIAS ECONOMICAS E FINANCEIRAS, inaugurou-se há dias, com a presença do Chefe do Estado e do sr. ministro da Educação Nacional, uma interessante exposição de trabalhos dos alunos daquêlê estabelecimento de ensino superior. Com ela se solenizou o fêcho do ano lectivo.



NO DIA 14 DE JULHO — DIA DA FESTA NACIONAL DA FRANÇA — houve recepção na Legação daquêlê país em Lisboa. Perante o ministro, sr. François Gentil, o comandante Jacquier falou, em nome da Legião Francesa dos Combatentes, sobre a obra de Marechal Pétain e o significado da data que passava.



ALGUNS DIAS ANTES DE EMBAFAR PARA O BRASIL, a Embaixada Extraordinária de Portugal apresentou cumprimentos de despedida ao sr. gen. Carmona.

Deixe de se preocupar com o seu estômago

Existe um excelente específico, gabado por milhares de pessoas de tôdas as terras de Portugal, que não tem igual na rapidez dos efeitos, nem do bom paladar.

Ferve no copo (efervescência) e tem o gôsto de uma riquíssima limonada. Trata-se de uma composição de Sais de Frutas, de Magnésia Bismutada e de Sais de Fontes Célebres. Bebe-se com agrado. Não há azia que resista a êste bom remédio. Chama-se Sal Digestivo Ferba. Com êle não há digestões difíceis. Pode-se comer de tudo. Mesmo tomando-o sempre, nunca cria o hábito. É bom, pode usar o Sal Digestivo de confiança. Não ficará desiludido, qualquer que seja o seu desarranjo gástrico. O Sal Digestivo Ferba é o mais moderno de todos os remédios que reeducam o estômago.

Gerolmente, basta um frasco para que o estômago fique completamente bom. Na maioria dos casos, nem é preciso tomar todo o conteúdo de um frasco. Neste caso, não se perde nada, porque o Sal Digestivo conserva-se indefinidamente. Nos casos incuráveis, tomando-o sempre, o doente chega a esquecer-se do seu mal. O Sal Digestivo Ferba é completamente inofensivo. Pode ser tomado por crianças, doentes com dieta, depois de uma refeição copiosa, etc., etc.

Nunca deixará de dispor bem a pessoa que o usar. Digno de nota é também o facto de o Sal Digestivo regularizar os intestinos, suprimindo a temível e perigosa prisão de ventre. Estimula a acção do fígado. Activa a secreção biliar. Se dissermos que o Sal Digestivo Ferba actua ainda como fortificante do organismo inteiro, muito importante para as pessoas que sofrem do estômago, as quais têm tendências a emmagrecer e a perder rapidamente as forças, parece-nos termos dado uma ideia aproximada das qualidades do Sal Digestivo Ferba. Êste óptimo produto é uma especialidade exclusiva da FARMÁCIA INTERNACIONAL, Rua do Ouro, 228 — Lisboa. (Neste momento e devido à guerra, só há um tamanho de frasco: o grande, económico, de 15\$00). Peça o Sal Digestivo Ferba no seu fornecedor habitual. Se não encontrar, escreva um simples postal à

Farmácia Internacional

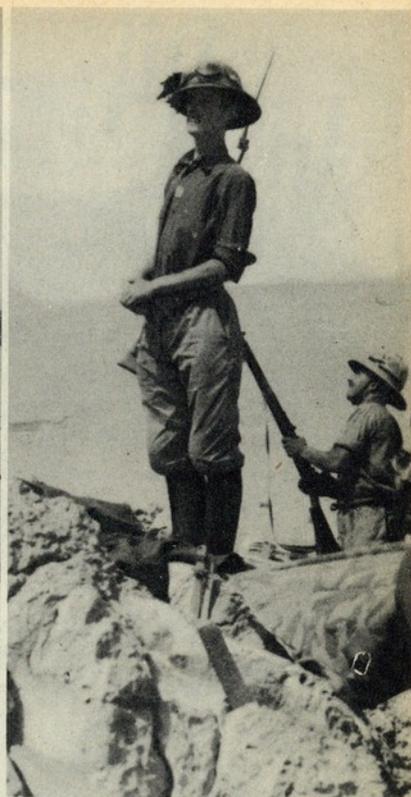
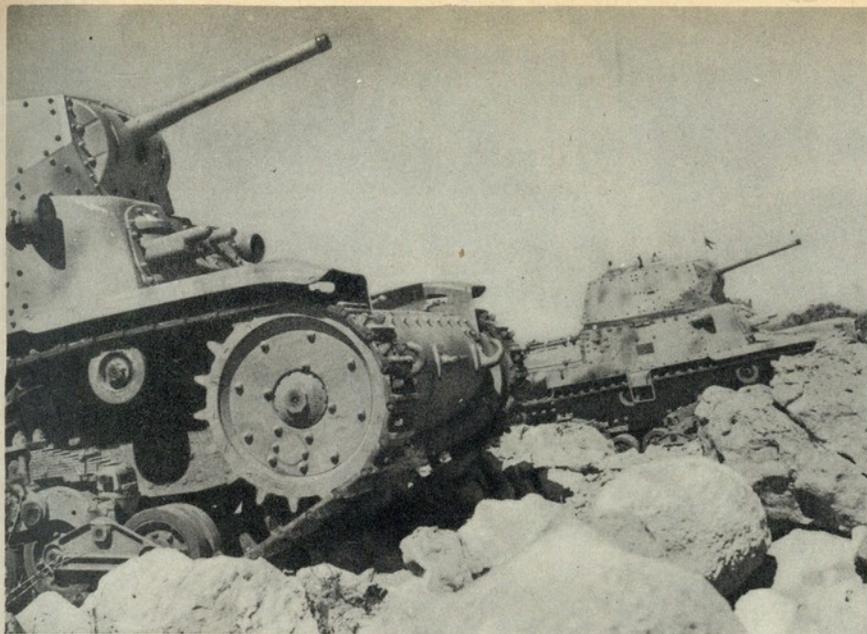
que o mandará na volta do correio, sem mais despesa alguma.

Tôdas as pessoas devem ter sempre presente êste axioma:

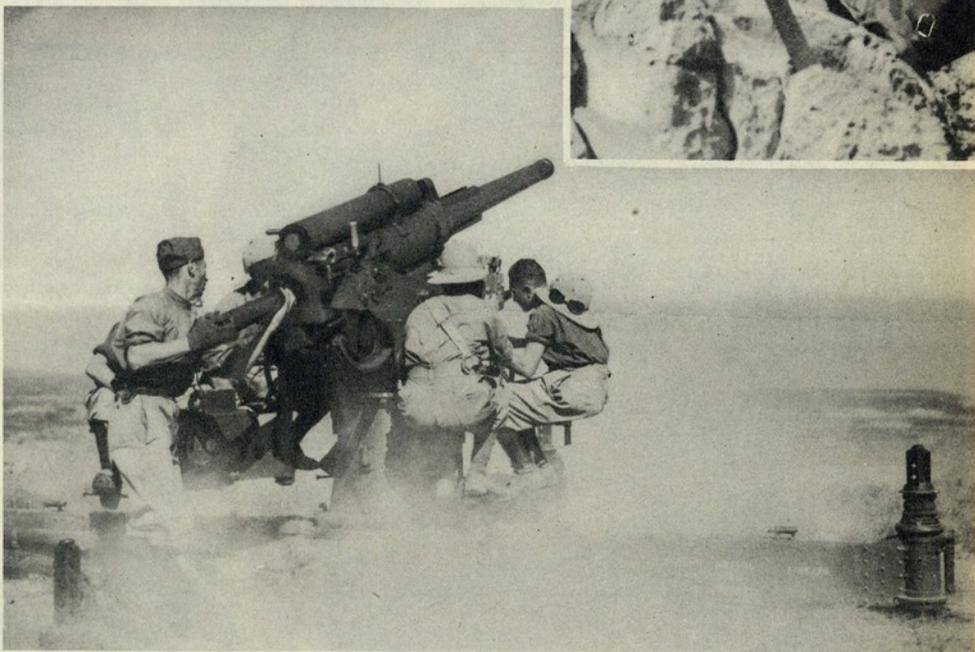
UMA BOA DIGESTÃO É A MÃE DA SAUDE.

O SAL DIGESTIVO FERBA

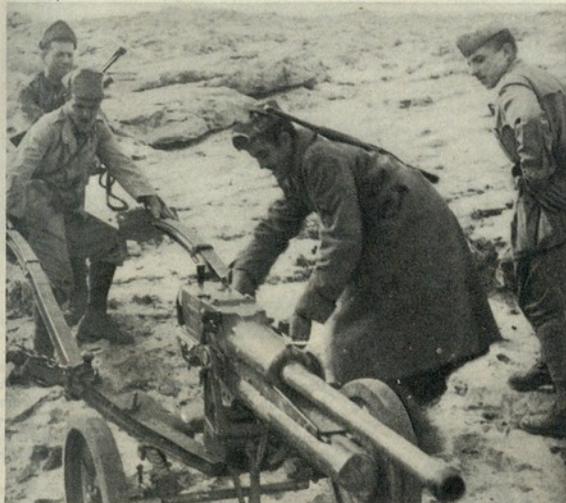
GARANTE-LHE ESSA BOA DIGESTÃO



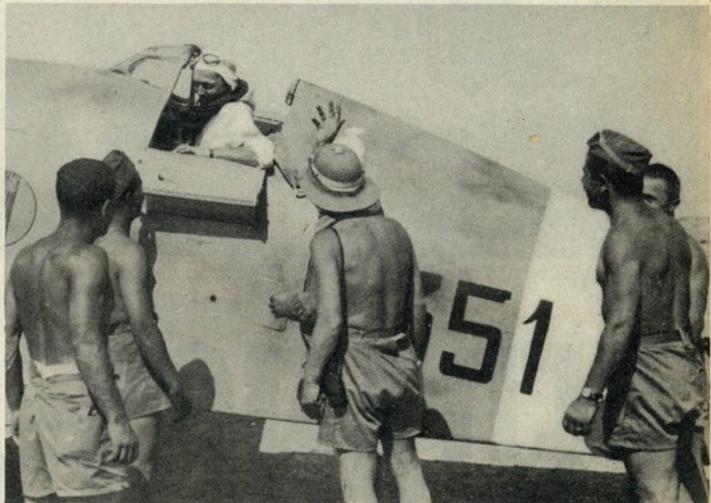
Imagens da ITALIA na guerra



EM CIMA — À esquerda: «Tanks» italianos em combate durante a última batalha de Sollum; à direita: soldados «bersagliere» italianos de sentinela, na frente do deserto líbico. À DIREITA — Uma peça de artilharia italiana fazendo fogo contra as fortificações de Tobruk.



TIPO DE CANHÃO ANTI-TANK ITALIANO que tem dado já excelentes provas nos vários combates travados com as divisões blindadas inglesas e que está agora a ser empregado no norte de África.



O CALOR APERTA NO DESERTO. Isso faz com que, no aeródromo italiano donde vai levantar vôo este avião, pilotos e mecânicos se vistam o mais sumariamente possível.



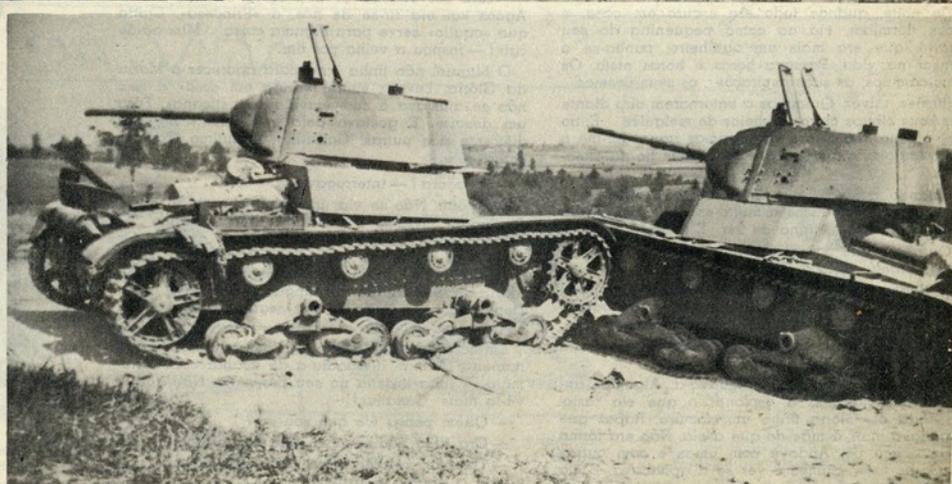
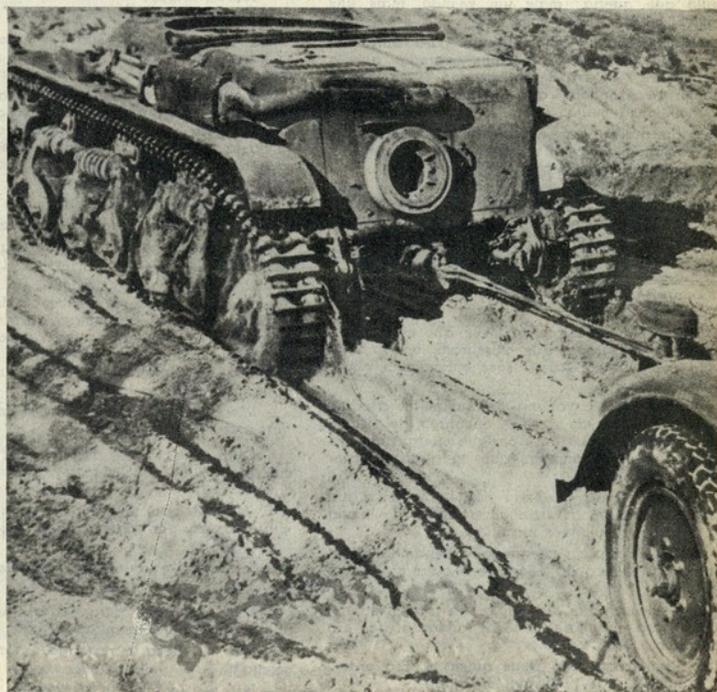
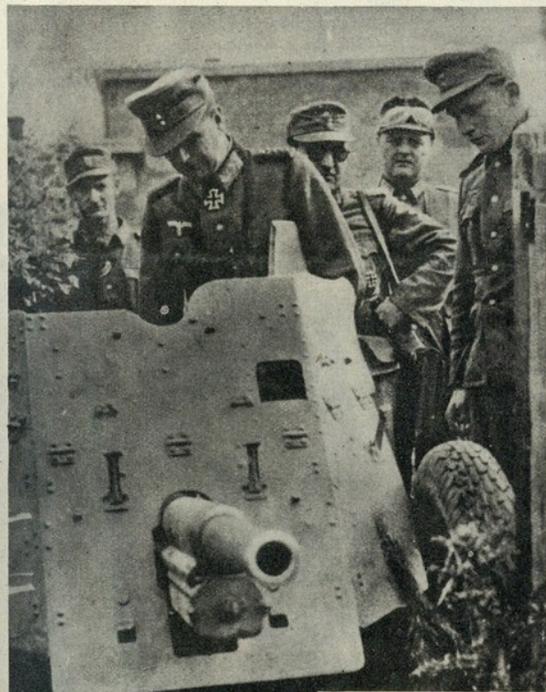
A FRANÇA eterna

ESTA FOTOGRAFIA tirada quando da retirada das tropas francesas, após a capitulação de Junho de 1940, tem ainda hoje uma actualidade e um simbolismo impressionantes. Os franceses choram os seus erros, as suas desditas, a tragédia do colapso. Mas todos os anos há um 14 de Julho. E nos corações dos franceses, não se esfuma a imagem sagrada de Joana de Arc, a imagem do patriotismo. Sob o peso da derrota, mantém-se viva, intacta, a chama que animou a França de sempre — a França eterna.

na Frente Oriental



DEPOIS DOS CARROS BLINDADOS ALEMÃES terem desbravado o caminho, inutilizando os «tanks» russos, a infantaria motorizada do Reich prossegue no seu avanço sobre a Rússia.



VÁRIOS ASPECTOS DA CAMPANHA DA RÚSSIA — Em cima, à esquerda: Um general alemão inspecionando um canhão anti-carro tomado ao inimigo; à direita: O rolar dum «tank» numa estrada quâsi impraticável do território soviético. Em baixo, à direita: «tanks» russos avariados pelas tropas alemãs.

A Graça de Ser Buça

Novela por Mário Barros

TAO grandes — e tão pequenas, afinal — eram as suas aspirações que não cabiam dentro do seu peito e, por mais que fizesse, para reprimir o que sentia, não havia maneira.

A Maria da Glória, flor de candura, dezoito anos a rir na despreocupação duma mocidade que lhe dava beleza, tinha o seu sonho, o sonho que anda na cabeça de todas as raparigas bonitas, o sonho que pica de desejos tanta alma...

Era pobre. A família e ela tinham de agenciar o pão de cada dia. Todos trabalhavam. Ela sem grande vontade, é certo, mas lá ia. O seu sonho doirava-lhe a labuta e o trabalho sempre lhe dava aquilo que queria: mais um vestido, mais uns sapatos, mais umas meias...

Sentia que não tinha nascido para buça de carga. O espelho dizia-lhe uns segredos que a endoivavam. Gostava de se arranjar. Tinha mesmo uma certa «coquetelrie» que a sua condição humilde não justificava muito.

A pobre mãe ralava-se com este jeito da garota, mas no fundo achava bem que ela fôsse diferente das outras. Ainda porque... Ainda porque sabia tê-la, ali, em graça e pureza, lírio rasteiro, é certo, mas branco como o manto de Nossa Senhora!

As outras — as que moravam no casal — tinham-lhe inveja. Quasi todas haviam sacrificado a virtude na cequeira dum prazer, na ânsia dum pouco de liberdade, de independência... cheias de filhos, mais miséria a crescer — e os homens não queriam saber delas.

Viboras que morderam uma vez, que deixaram o veneno da desgraça, que passaram, enquanto a deidia aumentava e as ilusões caíam num fragor de desventura.

Os rapazes cobriam-na. Rondavam-lhe a porta. Lobos esfaimados de carne e de graça, de virtude e de amor. E ela resistia. Com que energia negava sorrisos a êsses canalhas que só queriam fazer mal...

— Talvez penses que não há-de chegar a tua vez... — diziam-lhe as vizinhas mordidas de inveja por a verem resplender inocência.

— Se por desgraça chegar, que hei-de fazer? — rematava a Maria da Glória e seguia o seu caminho.

Via-se mesmo que ela não tinha propensão nenhuma para o trabalho. Isto de andar a dias era um suplício. Mas, enfim...

La sofrendo até que Deus quisesse. Era ordem do mundo. A mãe precisava de ajuda...

De noite, quando tudo era escuro em casa, e todos dormiam, ela na cama pequenina do seu quarto, que era mais um agulheiro, punha-se a pensar na vida. Passava horas e horas nisto. Os seus cálculos, as suas aspirações, os seus desejos...

Ilusões, talvez. Quimeras a entornarem oiro diante dos seus olhos claros e cheios de meiguice... E, no fim, o sono vencida e as lágrimas aguavam-lhe o rosto largo mas simpático, e caíam em fio na almofada.

Quando acordava via o chaile, e o lenço, e o avental e os tamarcos e metia-se na realidade da vida. Eram horas, tinha de ser. E lá ia!

Outro dia que passava metida à cança. Era igual ao de ontem, seria o mesmo amanhã...

— Negra vida! — e chorava vencida e esmagada pela força do destino que a fazia sofrer aquele martírio e não lhe dava uma hora de sossego.

— Quando acabará isto? — interrogava-se exausta de tanto lutar.

O heredeiro do sítio espreitava-a. Algumas andavam-lhe na cola a espiar o que ela fazia. A Maria da Glória tinha um namôro. Rapaz que agradava mais à mãe do que a ela. Não era fôrma para o seu pé. Andava com umas e com outras para lhe fazer ciúmes e ver se a apanhava. E ela resistia pacientemente e aturava-o com médo das bocas do mundo.

Era preciso — não que pensasse, mas o instinto assim exigia — que tivesse um namorado ali, não dessem elas em dizer que se gastava em amores, fora do casal, com algum que não fôsse da sua igualha. Até nisto o seu coração se sacrificava, na inconsciência dos seus dezoito anos irresponsáveis. Pensou em sofrer esta tortura até que chegasse à maioridade e então, senhora de si, sem que ninguém tivesse nada a ver com ela, faria o que lhe desse na cabeça.

Era uma ideia e deixou-se adornar nela. E continuava a conversar com o seu Manuel, à porta, antes de amoitecer, nos dias em que não ia trabalhar. Nos outros, êle esperava-a no caminho e vinha ao lado dêle, muitas vezes sem trocarem palavra.

A porta despediam-se.

— Adeus, Maria!

— Adeus, Manuel!

E a Maria da Glória perdia-se no escuro da casa, ia para a cozinha à espera que a mãe lhe desse uma tigela de café e se fôssem deitar depois.

Am as coisas andando dêste modo até que o Manuel se aventurou a fazer-lhe certa proposta, incitado pela Rosa Padeira, espécie de megera que havia lá no sítio e por casa de quem tinham passado quasi todas as raparigas do casal, quando o destino as levava à desgraça.

— Tu pedes-me uma coisa dessas?

— E, porque não? Não vou eu casar contigo?

— Ora, promessas... E tu podes faltar!

— Mas se te juro...

— Não chega a jura, Manuel, em caso tão sério. Tenho sabido trocar as voltas ao desejo que tens há muito tempo. E consumo-me para não ser como as outras, e és tu, que queres casar comigo, que me dizes uma coisa dessas? Não, Manuel, não! Segue o teu caminho, que eu não quero dar glórias a ninguém. Prefiro tudo!

— Mas... — aventurou o rapaz, esmagado por tão forte decisão.

— Qual, quê! Vai-te maroto! Era para isso que me querias, hein? E depois? Era mais uma, não é verdade?

O Manuel não teve fôrças para insistir e foi, muito corrido, dar conta à Rosa Padeira do que se passara.

A Rosa ficou danada quando êle lhe referiu o passo.

— Não tens jeito para nada... Agora «assobia-lhe às botas»... Espantaste a caça! Parvalhão!

— Mas, tia Rosa, a rapariga é séria... Não quis, pronto!

— Isso sei eu! Se tu a tivesses sabido levar... Agora vai ela rir-se de nós, a «Princesa». Cuida que «aquilo» serve para alguma coisa... Mas há-de cair! — rosou a velha por fim.

O Manuel não tinha cara para aparecer à Maria da Glória. Levava «uma corrida em osso» e isso não se ajustava à sua «cavalaria rusticana». Fôra um desaire. E gostava dela... A valer! Ela era diferente das outras. Cairá-lhe no íntimo. Tomara conta dêle...

— E, agora? — interrogava-se.

Era noite. Não se via um palmo diante do nariz. Ao longe ouvia-se o chocalhar dum rebanho. As estrelas eram pregos de oiro no azul do céu. Os raios e os grilos faziam a sinfonia estrídula dessa noite calma. O Manuel foi passar pela porta da Maria da Glória. Não viu ninguém. Nem via alma. Depois foi-se à deita. O dia seguinte seria o que Deus quisesse.

Em casa da rapariga a coisa passava-se de outra maneira. A mãe dissuadia-a de acabar com o namôro. A filha insistia no seu propósito. Não queria vê-lo mais. Canalha!

— Quem pensa êle que sou eu?

— Ora, filha, são homens... Há que ter paciência...

— Também vocemecê me «assassina» com essas? Quere a minha desgraça?

— Não, filha de Deus, não! O Manuel é um

bom partido. Tem umas courelas, o moinho, o olival... Que mais queres tu?

A Maria da Glória respondeu-lhe com decisão:

— Quero poder olhar para si, até casar, com estes olhos, ouviu? Com estes! — e cravou o seu olhar no olhar da mãe.

Não havia que ver. Tinham ido por água abaixo os planos da Florinda. Fôra-se a certeza de melhores dias. A Maria da Glória deitava a felicidade à rua.

Seria o que Deus quisesse.

Para desimaginar o Manuel, a rapariga foi servir para Lisboa. Isto «olhar que não vê...». As vizinhas roeram a coisa como puderam, mas sempre a mastigar infâmias.

Um dia tiveram notícias da Maria da Glória. A mãe levava-lhes a novidade. Estava bem e ia casar.

— Mas ela não está a servir?

— Está. Diz a mãe que sim...

— A bem dizer ela não está de criada... Parece que uma senhora muito rica a tomou, afeiçou-se a ela... e fê-la uma senhora...

— Mas onde é isso?

— Não se sabe...



Este era o rumor do mulherio do casal, quando adregava encontrar-se e debicar na vida da pequena. Pairava sobre elas uma dúvida que as confrangia.

Há almas muito torpes, bom Deus! Pois se a Rosa Padeira se botou a Lisboa só para saber a certeza...

E andou por lá três dias em esculcas e perguntas, por aqui e por ali...

Pensava ela que Lisboa se podia comparar ao Casal de Santo António, Palermo!

Até que... Até que conseguiu descobrir a rapariga.

Estava outra. Uma senhora de verdade. A beleza que a virtude dá punha-lhe no olhar um brilho que só as estrélas têm. A linha airosa do seu corpo rescendia graça. A sua voz tinha a limpidez da água nascente.

A Rosa Padeira não encontrou uma palavra para lhe dizer. Pasmou! Desculpou-se como pôde. Deu razão da vinda a Lisboa e perguntou-lhe se queria

alguma coisa para a mãe.

E ela respondeu-lhe:

— Olhe, tia Rosa, diga à minha mãe que os «banhos» para o meu casamento começam a correr no domingo. Que vá ouvi-los à igreja. Não lhe diga mais nada!

— E com quem é?

— Isso agora... Diga-lhe isto e... basta! — e despediu-se.

A Rosa ficou passada. Quando chegou ao casal contou tudo e deu o recado à Florinda.

Foi o fim do mundo. — Quem será? — Quem não será?

O certo é que no domingo seguinte a igreja encheu-se mais do que o costume. Havia um movimento de curiosidade naquela gente, mortinha por saber qual o destino da Maria da Glória. O prior, indiferente, lá engrolou o nome dela misturado com o do noivo sr. dr. Álvaro Manuel de Sousa e fêz-se um «oh!» quasi sacrilego por toda a igreja e principiou a missa num bichanar de coscuvilhice que

embaciava a piedade e a devoção de quem tinha ido ali para rezar.

Cá fora é que foram elas. O casamento da Maria da Glória foi o caso do dia e a Florinda teve de trancar a porta para não aturar as vizinhas.

O Manuel, já casado com uma filha da Rosa Padeira, rola-se de remorsos e, naquela manhã, fugiu do casal.

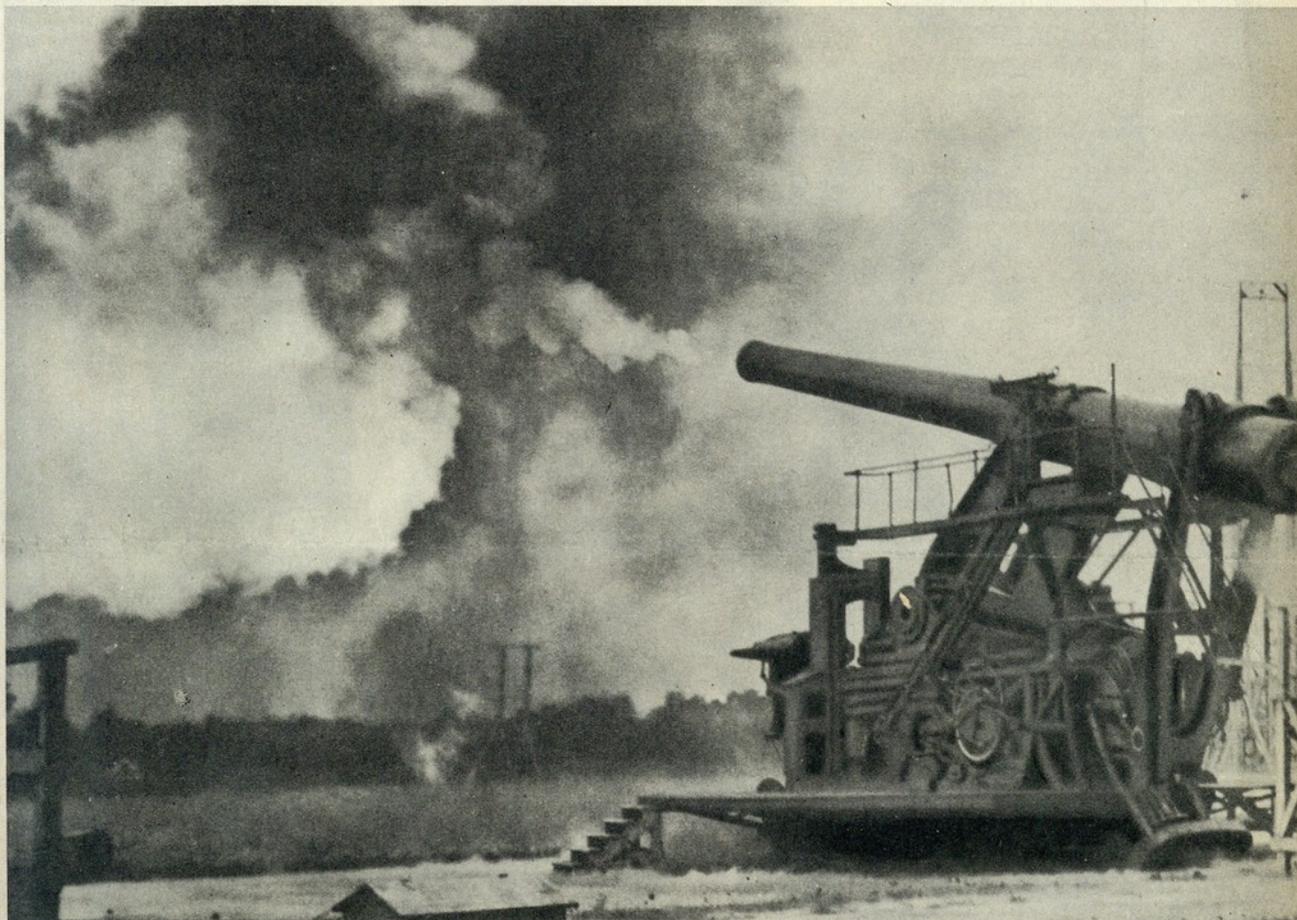
Passado um mês, se tanto, a Maria da Glória casava-se em Arroios com o sr. dr. Álvaro Manuel de Sousa, médico em Tôres Novas.

Como foi?

Se a Vida não fôsse isto, quem poderia esperar dela a felicidade?

A virtude — e só essa — perfumou a alma de quem soube esperar para vencer...

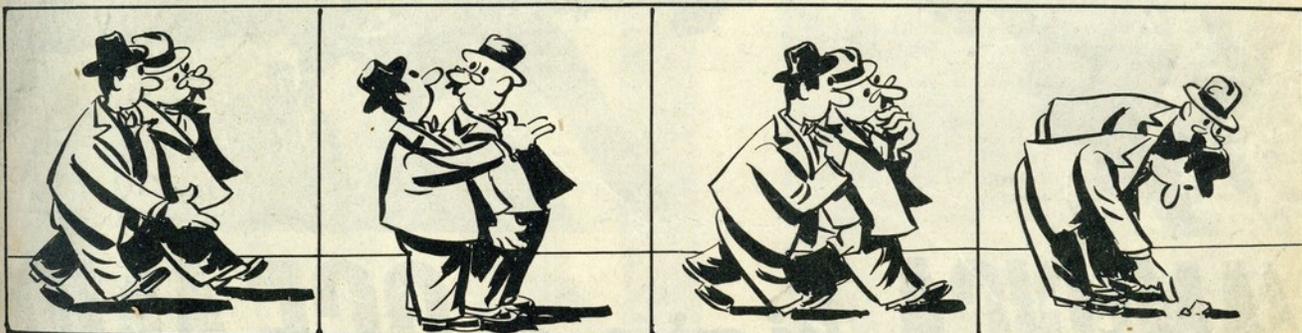
Foi a Graça que ungiu de encanto o sorriso que prendeu êsses dois corações, que hoje são felizes



A EXPLOSAO DUMA GRANADA dum canhão inglês de grande alcance, montado em carris de ferro, na costa de Dover.

FILOSOFIA DA VIDA

Por Stuart Carvalhais



— Pois, meu amigo, é como lhe digo: o homem é o mais estúpido dos animais... E vou-lhe provar com factos... Ora faça o favor de ouvir...

— Por exemplo: o homem só toma remédios quando se sente doente. E, afinal, devia tomá-los quando tem saúde, para evitar as doenças... Não é verdade?

— Outro: Farta-se de fumar enquanto vive, quando era depois de morto que deveria fazê-lo para subir ao céu mais facilmente... Não lhe parece?

— E, quando dá uma topada, o estúpido do bicho-homem vai logo ver onde a deu, quando, afinal, deveria era ter êsse cuidado antes... para a evitar.

Marinheiro da Armada
norte-americana olha o
céu, fazendo mover a sua
metralhadora anti-aérea.



A AMÉRICA *vigia o* **OCEANO**

Vida
MUNDIAL
Ilustrada